



Variações sobre uma Arqueologia da atualização = [Recensão a] Siegfried Zielinski, [... After the Media] News from the Slow-fading Twentieth Century

Autor(es): Schwäbl, Tiago

Publicado por: Centro de Literatura Portuguesa; Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/38739>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2182-8830_4-1_16

Accessed : 26-May-2019 03:51:30

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

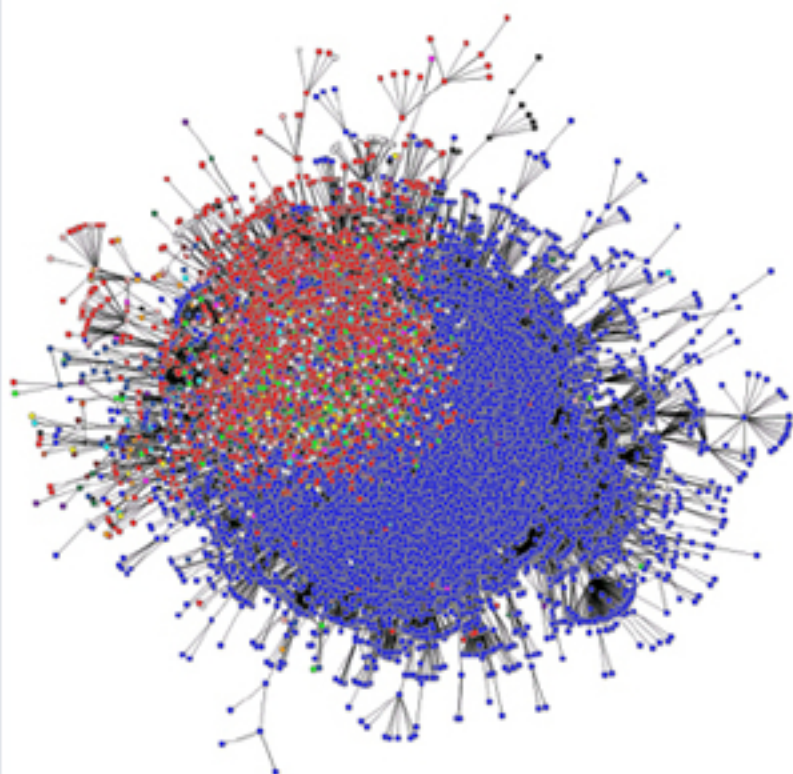
Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.





Revista do Programa de Doutoramento «Estudos Avançados em Materialidades da Literatura»



Vol. 4.1 (2016)

ISSN 2182-8830

‘Estudos Literários Digitais 1’

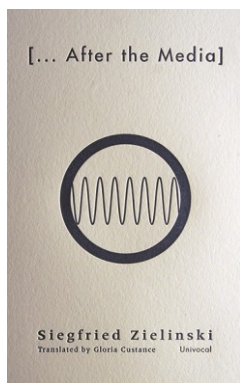
Manuel Portela e

António Rito Silva (orgs.)

Variações sobre uma Arqueologia da Atualização

TIAGO SCHWÄBL

CLP | Universidade de Coimbra



Siegfried Zielinski, [*... After the Media*] *News from the Slow-fading Twentieth Century*. Minneapolis, Minnesota: Univocal, 2013. 276 pp. ISBN 9781937561161.

[Tradução de Gloria Custance de [*... nach den Medien*] *Nachrichten vom ausgehenden Zwanzigsten Jahrhundert*. Berlin: Merve Verlag, 2011].

O título promete-nos novidades: *News from the Twentieth Century*; paradoxalmente, de um tempo em que ainda estamos imbuídos. A atmosfera crepuscular [*slow-fading/ ausgehend*, em alemão] deste relato de uma História dos *Media*, novamente rebobinado e deixado ‘correr’, enuncia variações em exercício arqueológico sobre a evolução da referencialidade do termo ‘*media*’. “Estou convencido de que [...] a Avant-garde é quase sempre uma reinterpretação daquilo que já foi, uma espécie de arqueologia aplicada”, afirma Zielinski numa entrevista acerca do seu Manifesto apresentado no final do livro.

A variação desdobra-se poliédrica, não só ao incidir a luz sobre diferentes faces de um assunto, como também ao alargar o escrutínio a outras áreas de interação, como se pode ler na apresentação do sítio em linha: <http://variantology.com/>, projeto de investigação fundado em 2004 em Colónia/ Nordrhein-Westfalen que estuda as “relações temporais profundas [*deep time relations*] entre as artes, ciências e tecnologias”. Esta abertura, dizem, não pretende reinventar o conceito de *media* ou de arte; no entanto, no texto de introdução a este livro Zielinski manifesta algum desconforto acerca de termos tão gerais e procura a sua redefinição. Ainda que os *media* se aduzam como um “campo discursivo heterogéneo”, a sua aceção está intimamente associada à definição de dispositivo e os dois conceitos acabam por oscilar ao longo do texto entre a) *media* ou dispositivo como uma terceira entidade resultante da função relacional entre máquina e ser humano – designando a

operação – e b) *media* ou dispositivo como aparelho ou instrumento – (con)fundindo-se função e máquina. O destaque dos *media* para a sua operatividade permite por sua vez a generalização da sua presença operativa ou funcional e simultânea-/paradoxalmente a sua subtração ou imaterialização, uma espécie de assimilação invisibilizante que decorre da deslocação do foco de interesse dos “modos meta-metodológicos”, ou seja, na passagem do modo explícito ao modo implícito, no qual os *media* passam a estar integrados em discursos mais amplos.

After the Media [depois dos *media*] coloca em questão as consequências de tal (des)integração e procura discernir a evolução da relação entre os utilizadores dos *media* e a articulação dos poderes em disputa. O clímax desta malha de interligações e a dificuldade em lidar com essa rede tornam-se a premissa que vai justificar o novo inventário às raízes da telemática no século XX. O resultado é dúbio: por um lado cativa-nos o entusiasmo e a particularidade destes dados recuperados, em especial a releitura de autores-inventores (alemães, na sua grande maioria) precursores de conceitos que só mais tarde (e por outros autores) se oficializaram historicamente; por outro lado, desconcerta-nos a facilidade e a possibilidade infinita de criação de novos enquadramentos que, apesar de reaverem informação útil e curiosidades sempre interessantes, neste caso em concreto – fruto da sua dispersão – não ajudam propriamente ao foco, à cristalização da definição ou à restrição do que devia caber sob o conceito geral [*umbrella concept*] de *media*.

Através da ‘ousada’ cronologia [*an unabashed ‘tour d’horizon’*] pelo século XX apresentada no primeiro capítulo apercebemo-nos de que a progressiva interação entre tecnologia e sociedade torna difícil a perceção clara das mútuas influências, a ponto de um *meio* servir ao mesmo tempo como ferramenta de poder estatal e como canal de oposição. Se por um lado é possível criar um Estado ‘por meio’ dos *media*, por outro a Internet – malha heterogênea e inconsciente, construída em rede –, apesar de “só existir na sua vulnerabilidade”, pode tornar-se a ferramenta e lugar da insurgência. As sucessões tecnológicas aqui desveladas apresentam relações sistémicas de alcance, multiplicidade, velocidade e autonomia sempre crescentes, analisados na sua relação entre poder e quotidiano; os *media* são então o nome dessa relação, veículo da operação, algo que se subtrai e que se torna por isso operador invisível, uma entidade abstrata.

Neste processo de implicação deve ser também considerada a posição do observador, que não se coloca nem interna nem externamente a um sistema, mas surge como interface entre os dois. A realidade é atribuída ao interface e a sua leitura – os níveis de acessibilidade operacional – prende-se com os modos de observação exterior/ interior, sendo este último aplicado na endofísica – tomada aqui de empréstimo a Otto Rössler (teoria do caos), que contribuiu aliás para as séries *Variantology – On Deep Time Relations between the Arts, Sciences and Technologies* (2005-2011) organizadas por Siegfried Zielinski. A terminologia exo/endo é aplicada na distinção entre ‘realidade local’

(“senso comum”) e realidade ‘não-local’ (“holística”), entre um estado epistémico (a descrição do conhecimento – em geral incompleto – das propriedades de um sistema físico) e um estado ótico (descrições individuais que remetem para propriedades abstratas e potenciais) [recorro aqui à explicação de Harald Atmanspacher num artigo de 1996]. A perspectiva holística e endotemporal justifica-se neste contexto zielinskiano pela noção participatória entre observador e objeto observado, e mais ainda por uma experiência de presença em que não há sequências temporais definidas nem uma história fechada de eventos (neste último caso, em *exo-perspetiva/ realidade local*, separados do seu ambiente temporal, passado e futuro são criados como modos distintos de temporalidade). Nesta breve incursão endofísica, será importante mencionar ainda Alfred North Whitehead, para quem a entidade concreta máxima é a ocasião em si [*actual occasions*]: objetos relacionados uns com os outros de forma inseparável e não-local na sua «preensão» [*prehensions*]. Este conceito relaciona-se com a ideia da duração dilatada da presença [*extended duration of presence*] e desemboca em Zielinski como “momento de atualização”.

Portanto, num sistema informático de conexão simultânea as máquinas individuais deixam de ser terminais e passam a funcionar como interfaces, pelo que a aproximação protética dos aparelhos ao corpo dos utilizadores – “conetividade incondicional” [*unconditional connectivity*] – não significa necessariamente uma personalização; estes, por sua vez, instanciam-se como “máquinas operativas de atualização” [*operating updating machines*], sensíveis à realização (em “arqueologia instantânea”) temporária e oportuna de outros artefactos programados: as aplicações. “O presente torna-se (...) um simples momento de atualização [*simply a moment of updating*]”.

Considerando os jogos de poder e condicionamentos envolvidos, os *media* tomam o carácter de um dispositivo, no qual se articulam humano, máquina e *medium*. Será oportuno referir, a propósito de dispositivos, que o arquivo de Vilém Flusser (<http://www.flusser-archive.org/>) está desde 1998 a cargo de Siegfried Zielinski, sediado primeiro na Escola Superior das Artes e Media de Colónia, onde este último lecionava “Arqueologia e Variantologia dos *Media*”, acompanhando depois o autor na sua mudança em 2007 para a Escola Superior das Artes de Berlim. No entanto, o dispositivo é aqui circunscrito e reutilizado não só com base na terminologia de Flusser como também nas de Foucault, Deleuze e Agamben; a sua dimensão discursiva conduz a reconsiderações em redor de uma nova definição de comunidade que, entre a possibilidade técnica e as restrições concedidas por essa possibilidade, se permeia sensível às alterações a nível da sua qualidade, liberdade ou até validade.

Uma secção do terceiro capítulo é dedicada a Giorgio Agamben: num gesto que soa refrescantemente subversivo, o filósofo italiano propõe separar de novo dos *media* aquilo que não é mediatizável, ou seja, restituir ao uso comum o que fora capturado e separado; para Agamben (2005), “os indivi-

duos estão de facto separados pelo que parece conetá-los; mais precisamente, os *media*'.

A tentativa de se subtrair a um conceito geral para redefinir o termo '*media*' ficou comprimida pelas infinitas variantes arqueológicas. Infelizmente o Autor acaba vítima da sua própria "crítica a uma generalização estratégica", pois quando chegamos ao segundo capítulo já tudo nos parece sistémico, apesar de intentada uma localização preposicional da arte em relação aos *media* [*before/ with/ through/ after*], a par de uma '*cultura experimentalis*' de resistência com foco em Nam June Paik. A urgência de uma abertura encontra alternativas nas práticas artísticas, em reformulações de descontinuidades, desvios, desconexões.

Declarar a superfluidade dos *media* – em termos de ausência de desejo, dada a facilidade de acesso à sua posse – é acusar a esmagadora presença dos mesmos, reforçar o conflito e a dificuldade em destrinçar o que já não é destrinchável, em isolar a fonte, em definir o que não é mediado.

© 2016 Tiago Schwäbl.

Licensed under the [Creative Commons Attribution-Noncommercial-No Derivative Works 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/) (CC BY-NC-ND 4.0).